
*DIA DO PAGAMENTO: O PRIMEIRO ENCONTRO COM A PRODUÇÃO DA
ESCRITORA QUENIANA GRACE ODOT*

*PAY DAY: THE FIRST ENCOUNTER WITH THE PRODUCTION OF THE
KENYAN WRITER GRACE ODOT*



Janice Inês NODARI*
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: A tradução que ora se apresenta do conto "Pay Day" da escritora queniana Grace Ogot, falecida em 2015, objetiva possibilitar o primeiro contato em língua portuguesa com a produção da referida autora. O conto "Pay Day" é o primeiro de uma coletânea de 09 sob o título *The other woman and other stories* (1996), coletânea na qual a autora explora temas de relevância social, cultural e mesmo espiritual, especialmente para a comunidade Luo no Quênia. Sua compreensão de tais aspectos, bem como a descrição dos conflitos sociais e culturais na referida sociedade, é vívida e muito hábil. Espera-se que o leitor acesse tais aspectos por meio da tradução proposta.
Palavras-chave: Tradução. Literatura queniana. Grace Ogot. Pay day. Conto.

Abstract: *The translation here presented of the short story "Pay Day" by the Kenyan writer Grace Ogot, who died in 2015, aims at being the first contact in Portuguese with the production of the aforementioned author. The short story "Pay Day" is the first in a collection of 9 under the title The other woman and other stories (1996), in which the author explores themes of social, cultural and even spiritual relevance, especially for the Luo community in Kenya. Her understanding of these aspects, as well as the description of social and cultural conflicts in that society, is vivid and very skillful. The reader is expected to access these aspects through the proposed translation.*

Keywords: Translation. Kenyan literature. Grace Ogot. Pay Day. Short story.

225

RECEBIDO EM: 1º de outubro de 2019

ACEITO EM: 25 de novembro de 2019

PUBLICADO EM: março 2020

Grace Ogot é considerada uma pioneira em literatura escrita por mulheres no Quênia, pois foi a primeira escritora queniana a ter seus livros publicados em inglês. Ogot nasceu em 1930 em Asembo, distrito de Nyanza, um vilarejo de maioria católica, no oeste do Quênia. Teve sua educação primária realizada no Quênia, e de 1949 a 1953 estudou em Uganda para se tornar enfermeira. Mais tarde, trabalhou na Inglaterra, e em 1958 retornou ao Quênia como enfermeira e missionária. Casou-se e teve quatro filhos. Além disso, atuou como diplomata, política, jornalista, e como um dos primeiros membros do parlamento queniano. Ainda, representou o Quênia nas Nações Unidas e na UNESCO.

De 1981 a 2018, a autora teve doze livros publicados, entre romances e contos; alguns escritos em Luo, língua da tribo queniana a qual sua família pertence, e outros em inglês. Nenhum traduzido para o português ainda. A autora faleceu em 18 de março de 2015, em Nairóbi.

Os temas retratados em suas obras são caros ao contexto queniano e, muitas vezes, têm relação direta com as tradições dos Luos (terceira maior tribo do Quênia).

226

O conto “Pay Day” é o primeiro de uma coletânea de 09 sob o título *The other woman and other stories* (1996). Nele, Awino tem sua casa, onde vive com uma sobrinha, arrombada por um bando de homens atrás de seu pagamento como professora. Pagamento este que não havia sido feito. O que se segue é uma sequência de horrores que, mesmo podendo ser vistos como representativos daqueles sofridos por grupos – desrespeito às mulheres, e categorias – professores não pagos por seus serviços, ainda acertam o indivíduo em cheio, escancarando a sua solidão, e desalento.

Dia do pagamento¹

Grace Ogot
Traduzido por: Janice Inês Nodari

Foi um barulho estrondoso, cortante e ensurdecedor, apesar de não durar muito. A velha porta de mogno, destroçada, caiu em pedaços, e a pedra letal que havia causado o estrago rolou perigosamente até a outra parede, esmagando o que estava em seu caminho. A voz de uma menina, muito novinha, ecoou em terror, e os claros sons infantis romperam o silêncio da noite. De repente, cessaram, sem soluço ou queixume. A pedra também havia parado de rolar. Sua tarefa, cumprida.

NODARI, Janice Inês. *Dia do pagamento: o primeiro encontro com a produção da escritora queniana Grace Ogot*. Belas Infiéis, Brasília, v. 9, n. 2, p. 225-231, 2020.

Por um momento, Awino pensou que fosse enlouquecer. A sala girou em círculos vertiginosos, e sua cama parecia ter se afastado da parede. Ela havia se esforçado para pular quando a rocha rolou através da porta quebrada e a criança gritou, mas seu corpo se recusou a lhe obedecer. Seu corpo todo fora drenado de qualquer energia; somente seu coração se negava a parar de bater.

— Meu bebê, meu bebê — ela gemeu impotente, incapaz de ficar em pé e recolher os vestígios de Anyango, sua pequena sobrinha, cujo corpo havia sido despedaçado pela pedra rolante!

Houve um barulho próximo da porta. Awino olhou, horrorizada, duas figuras com máscaras entrarem em sua cabana quadrada de um único cômodo. Ela gritou, mas nenhum som saiu de seus lábios entreabertos. Então viu outro grupo de homens com máscaras entrarem, e as pontas de *pangas*² afiadas brilharam na luz fraca. De repente, poderosas tochas brilharam nos olhos de Awino, cegando-a.

— Passa o dinheiro! — ordenou um homem. — Passa o dinheiro de uma vez! — e estapeou Awino tão forte na sua bochecha direita que por um momento ela apagou.

— Sem dinheiro — Awino gemeu, e desmaiou aos solavancos, soluçando.

— Vocês foram pagas hoje, sua mentirosa. Nos dê tudo que tem ou cortamos sua cabeça e suas pernas.

— Recebemos amanhã — Awino sussurrou, entre soluços. — Recebemos amanhã.

— Mentirosa, sua velha mentirosa — disse uma voz raivosa por trás. — Saia do caminho, seu covarde, deixe-me lidar com ela.

O líder do bando abriu caminho até o lado da cama. Estapeou Awino nos olhos, rosto e boca e fez um corte profundo em seu pescoço com a *panga*.

— Agora você nos dá o dinheiro, hein?! Sua cristã? Cristãos não contam mentiras! Vamos, diga-nos onde está o pacote, e eu deixo sua cabeça onde ela está.

A *panga* cortou fundo no pescoço de Awino. Seus olhos quase saltaram das órbitas, sem foco. Ela não conseguia sequer ver a luz forte das tochas. O fluido quente que corria de sua boca só podia ser sangue, escorrendo das gengivas dilaceradas. Seu corpo todo estava em chamas, e o suor, o sangue e as lágrimas escorriam pelo seu rosto e encontravam um lugar comum no travesseiro.

— Amarrem as pernas e os braços dela. Ela deve estar escondendo o dinheiro na cama.

Awino sacudiu a cabeça para aliviar o corte da *panga* em seu pescoço, mas logo mudou de ideia porque o movimento fez a arma letal cortar sua pele ainda mais fundo. Uma corda juntou suas pernas dormentes, e depois suas mãos.

— Jogue ela no chão — disse o cabeça do bando, retirando a *panga* ensanguentada do pescoço de Awino.

Isso, de fato, aliviou o peso da *panga* em seu pescoço, mas a dor permaneceu, queimando e ardendo, como se a ponta afiada e venenosa tivesse deixado para trás uma espécie de detergente forte o suficiente para destruir tecidos humanos. Eles a içaram da cama e a jogaram no chão duro. Seus soluços agora vinham em curtos espasmos que abalavam todo o seu ser. Então, um grito: agudo e ensurdecedor e, por um momento, o bando se desorganizou em pânico. Eles se deram conta de que havia um outro ser no cômodo.

— Quem está aí? — Um homem chutou Awino onde ela estava deitada, em um monte.

Mas antes que ela pudesse responder, o bando descobriu Anyango deitada debaixo da cama para onde tinha miraculosamente rastejado, quando escapou por pouco de ser esmagada pela pedra letal. Seus olhos estavam saltados e sua boca aberta em horror.

O líder do bando gritou:

— Tragam ela para fora! Calem ela!

O jovem companheiro, segurando uma pequena tocha, hesitou:

— Mas é só um bebê, senhor.

— Vamos! — o líder agarrou o ombro do jovem com brutalidade. — Não se faça de criança! Lembre-se do seu contrato ou... ou...

O jovem hesitou novamente. Os olhos saltados e inocentes de Anyango choraram por piedade. Mas ele precisava honrar seu contrato, e o juramento de lealdade que havia feito. Arrastou a menininha de debaixo da cama impiedosamente, a estapeou e chutou antes de amarrar suas mãos e pés juntos. Ela já devia ter passado do limiar da dor, pois não soltou um ruído sequer quando foi chutada na direção do corpo espancado de sua tia.

O bando queria sangue.

A brisa fria soprou diretamente sobre seus corpos seminus, mas não sentiram frio. Awino os viu vagamente pelo canto do olho. Eles se moviam como fantasmas, de canto a canto, procurando pelo pacote com dinheiro. Eles arrancaram, um a um, cobertores e lençóis da cama. Não havia dinheiro. Seus olhares sádicos enfatizavam a severidade da situação. O olho esquerdo de Awino, gravemente ferido, avistou uma nuvem, e isso lhe deu coragem.

— Deixe que tirem minha vida, mas poupe esta criança. Ela não é minha — sussurrou em oração.

Depois, Anyango deixou sua cabeça cair para trás de pura exaustão e dor.

— Dá o dinheiro, sua puta velha!

Eles todos chutaram Awino e a criança. Se sentiam enganados. Era como se ela soubesse que eles viriam.

— Já disse que não fui paga — ela gemeu. — Não fui... não f-f-fu-fui... — e sua voz esmoreceu.

— Ok, sua puta velha, sua maldita cristã mentirosa. Vamos levar o que pudermos achar, e vamos voltar mês que vem quando tiver recuperado o juízo. Agora vá pensando, enquanto carregamos, vá pensando em qual cabeça vamos levar para nosso chefe: uma cabeça em vez do dinheiro. Rápido, professora.

O medo passou por Awino como uma sombra da manhã, rapidamente veio e rapidamente se foi. Nunca imaginara que sua vida acabaria dessa maneira. Todos os seus dias haviam sido dedicados a viver uma vida virtuosa e a amar a Deus. Ela fora casada por 14 anos, mas nunca teve sorte o suficiente para dar à luz a um bebê.

Quando se casou com Julian, um bem-apegoado funcionário público, seu sonho era parar de dar aulas, ter bebês e um lar aconchegante para ele e as crianças. Mas um ano se passou, e nenhum bebê veio. Então um segundo e um terceiro ano se passaram, e nenhum bebê. Awino foi de médico em médico e todos lhe asseguraram que não havia nada errado, e que um dia ela engravidaria. Mas os anos se passaram, e com eles, o desejo por um bebê - um som a mais na casa por vezes solitária - cresceu como um muro de pedra entre Julian e a mulher que o adorava. Quando as relações se tornaram tensas, Awino implorou para seu marido:

— Jully, vamos trazer uma mulher aqui, uma mulher que possa ter filhos. Construir uma cabana só para ela, mas deixe-me ficar, Jully, por favor. Deixe-me ficar para poder compartilhar da sua felicidade. Eu sei que as crianças serão dessa mãe, Jully, mas o seu sangue correrá em suas veias... e o que é seu, eu posso compartilhar, Jully, não posso, querido?

E então ela ficou de pé e o olhou inquisidoramente. Mas, ele não respondeu - e seus olhos frios fizeram seu útero e seus seios virgens doerem instintivamente. Era um aviso! A outra mulher jamais compartilharia seus bebês com ela.

O bando revistou a casa longamente, e agora eles estavam agachados próximos de onde ela cozinhava comendo os restos de carne da refeição anterior. Feito isso, esfregaram suas mãos,

ensacaram todos os utensílios de cozinha, e começaram a carregar tudo para o quintal. Quando tinham terminado, o líder do bando chutou Awino sem dó no peito.

— Que cabeça levamos para o nosso chefe? Já te demos tempo suficiente para pensar.

O quarto cheirava a suor e sangue. As pernas e braços de Awino amarradas brutalmente com cordas de sisal já não lhe pertenciam mais: logo estariam gangrenadas.

Uma vertigem a acometeu e desapareceu e retornou em seguida. Ela já estaria morta antes deles cortarem-lhe a cabeça. Fez um último esforço, sabendo que não tinha mais nada a perder. Gritou para o bando, com seu último suspiro se esvaindo:

— Vocês levam tudo que eu juntei por toda a minha vida, e ainda assim querem me matar. Suas mulheres e crianças estão dormindo tranquilamente em suas cabanas, e mesmo assim vocês vêm roubar e matar uma pobre mulher sem marido ou filhos. Os olhos dos ancestrais estão sobre vocês.

O suor escorreu por Awino naquele momento, e uma onda de arrependimento lhe acometeu - agora o bando mataria as duas. Uma voz por trás ressoou nos seus ouvidos:

— Chutem-na na boca! — e um deles correu em sua direção com a *panga* erguida.

Mas o líder do bando o barrou:

— Vamos embora daqui — ele sussurrou, e se dirigiu para a porta.

— Vocês... voltem! — Awino os chamou.

— Ouviram? — alguém disse, nervoso.

— Vamos, rápido! — o líder ordenou.

Mas Awino os chamou mais alto:

— Voltem! Voltem... volt-em...

O líder ficou imóvel. A voz fantasmagórica de Awino não o deixaria correr. Ele virou-se bruscamente para a porta destruída:

— O que você quer de mim agora, hein? Deixei sua cabeça onde ela deveria estar!

— Afrouxe nossas mãos e pernas ou pode levar nossas cabeças embora.

— Mulher louca... só pode ser!

O líder caminhou de volta até o quarto assombrado e afrouxou as cordas de sisal, mas não as deixou livres.

— Agora joguem-me um vestido. Vocês não podem me deixar assim, nua. Eu dou aula para seus filhos.

Assim que a gangue começou a fugir – arrepiados pela voz moribunda da mulher - jogaram-lhe algo. Era provavelmente um vestido ou um lençol. Então correram, sem olhar para trás.

A porta destruída continuou aberta, revelando um céu sombrio que transformava humanos em fantasmas. O educandário estava absolutamente silencioso agora. Awino sabia que não trabalharia durante o recesso escolar. O corte de *panga* em seu pescoço continuava a sangrar, e seus olhos e boca ferroavam. Anyango se deitara ao seu lado - era difícil dizer se ainda estava viva.

A cabeça de Awino latejava fracamente, e ela se sentia cansada e doente, mas sua mente era capaz de re-visualizar o ato fantasmagórico na sequência exata.

— Oh, Julian, meu filho... minha carne, meu marido.

Ela desabou em prantos, e os soluços violentos das emoções acumuladas por anos a fio secaram seu último fôlego.

— Jully... Jully... — sussurrou entre soluços.

Mas ela sabia que suas lágrimas jamais seriam ouvidas. A cabeça de Julian agora se deitava pacificamente sobre os braços de outra mulher que não lhe deixara compartilhar o calor de seu bebê. Awino apertou seus olhos, tentando enxergar. Sim, a nuvem continuava lá, ali, e ela pensou ver um anjo a vigiando.

231

REFERÊNCIA

OGOT, Grace. Pay Day. *In*: OGOT, Grace. **The Other Woman and other stories**. Nairobi, Kampala, Dar es Salaam, Kigali: East African Educational Publishers Ltd. 1996, p. 01-07.

* Janice Inês NODARI – Graduada em Letras (1999) pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Letras – Inglês e Respectivas Literaturas (2002) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professora adjunta na Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Curitiba, Paraná, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/3493453904659473>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6989-4813>

E-mail: nodari.janicei@gmail.com

¹ A autorização para publicação da tradução do conto neste número de *Belas Infiéis* foi concedida em 23/09/2019 pela editora *East African Educational Publishers Ltd.*, que detém os direitos autorais das obras de Grace Ogot.

² *Pangas* são facas compridas e largas, usadas no leste africano para atividades diárias de roçado e lavoura, ou mesmo como armas; machete.